

**Pedagogias de uma fé inteligente:
espiritualidade neoliberal e narrativas de desenvolvimento
pessoal na biografia de Edir Macedo**

Pedagogies of an intelligent faith: neoliberal spirituality and narratives of personal development in Edir Macedo's biography

*Emanuelle Gonçalves Brandão Rodrigues**



<https://doi.org/10.29327/256659.13.1-3>

Resumo: nossa proposta consiste em analisar as narrativas de si de Edir Macedo a partir de um estudo hermenêutico da biografia *Nada a Perder* – vol. 1, 2 e 3, escrita em coautoria com Douglas Tavolaro. O trabalho baseia-se na perspectiva hermenêutica de Paul Ricoeur (1976, 2006, 2010), para quem a narrativa surge da dialética entre realidade e ficção, passado e presente, todos articulados por meio de uma configuração narrativa que tem como processo constituinte a composição da intriga. O estudo indica que mais que um exemplo de vida, as narrativas que constituem a biografia de Macedo materializam um tipo particular de pedagogia que ensina seus leitores a agirem conforme os preceitos da “fé inteligente” iurdiana, esta ancorada não apenas em uma racionalidade política, mas também em uma espiritualidade de feição neoliberal.

Palavras-chave: Espiritualidade neoliberal; Fé inteligente; Igreja Universal.

Abstract: our proposal is to analyze Edir Macedo's narratives of himself from a hermeneutic study of the biography *Nada a Perder* (Nothing to lose) – vols. 1, 2 and 3, written in co-authorship with Douglas Tavolaro. The current paper is based on Paul Ricoeur's hermeneutic perspective (1976, 2006, 2010), for whom the narrative arises from the dialectic between reality and fiction, past and present, all articulated through a narrative configuration that has as its constituent process the composition of the intrigue. The study indicates that more than an example of life, the narratives that constitute Macedo's biography materialize a particular type of pedagogy that teaches its readers to act according to the precepts of the “intelligent faith” from Universal Church of the Kingdom of the God, which is anchored not only in a political rationality, but also in a neoliberal spirituality.

Keywords: Neoliberal Spirituality; Intelligent Faith; Igreja Universal.

*Doutora em Comunicação pela Universidade de Pernambuco (UFPE), onde também obteve o título de mestre. Professora substituta do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É integrante dos grupos de pesquisa do CNPq Religião, Comunicação e Consumo (UFPE) e CORTE – Comunicação e Retóricas do Trabalho, do Consumo e do Empreendedorismo (UMESP).
E-mail: egbrodrigues@gmail.com

Introdução

Lançada em três volumes durante os anos de 2012, 2013 e 2014, respectivamente, a trilogia biográfica *Nada a Perder*, que conta a história de Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), ocupou o topo das listas gerais de livros mais vendidos no período, segundo dados do *Publishnews*,¹ portal especializado em mercado editorial no Brasil. A obra se constitui como uma materialidade importante para se compreender discursos e práticas religiosas da Igreja Universal, sintetizadas aqui na figura e nas narrativas de seu líder máximo. A biografia foi escrita em coautoria com Douglas Tavolaro.

Como um meio através do qual a religião pode ser comunicada, o livro é uma mídia importante aqui pela sua função de eternizar imagens e falas em uma matéria concreta; mas também pela legitimidade que a obra literária é capaz de conferir à história narrada. O livro como mídia – e síntese do pensamento da IURD – se constitui como um instrumento pedagógico da doutrina da Igreja Universal, de modo que ao comunicar algo sobre a religião, também ensina sobre e a partir dela.

E Edir Macedo sabe disso: a Universal tem um catálogo próprio com várias obras de suas lideranças, algumas delas bastante conhecidas fora da instituição. Nesse sentido, a relação entre espiritualidade e práticas educativas que queremos discutir aqui está inscrita em modalidades mais gerais de uma pedagogia cultural (LOURO, 2008) que transcende os limites da Igreja e das instituições de ensino convencionais.

Considerando a relevância de *Nada a Perder* no mercado editorial brasileiro, que esteve entre os livros mais vendidos da década de 2010, a trilogia assumiu um papel central em nossa pesquisa. Isso porque, além de ser um *best-seller* nacional e de se constituir como material valioso para compreender as narrativas de si como práticas pedagógicas na formação de um determinado sujeito religioso, seu destaque nas listas gerais se deu em um contexto particular: de crescimento do consumo de mídias digitais e de transformações políticas incontornáveis no cenário nacional.

Nomeada por Carvalho (2019) como a segunda década perdida brasileira, os anos 2010 foram fruto, ao mesmo tempo, de políticas neodesenvolvimentistas de governos progressistas que culminaram em um movimento duplo – e seguido – de conciliação e aprofundamento da luta de classes e de um golpe parlamentar contra a presidenta eleita Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores – PT), em 2016.

É nesse contexto que surge nosso interesse sobre as práticas discursivas de organizações religiosas e os modos como elas desenvolvem ações pedagógicas que associam fé a melhoras nas condições de vida – individual e social. Um ponto-chave para entender essa questão é a forma como a ideia de desenvolvimento pessoal se associa à emergência de uma espiritualidade neoliberal e é fomentada pela Teologia da Prosperidade – TP², motivo pelo qual escolhemos a Igreja Universal como objeto desse estudo.

Apesar de não ser o único aspecto que nos permite relacionar certas práticas religiosas à espiritualidade neoliberal, como doutrina teológica iuridiana, a TP funciona como um guia capaz de organizar as condutas dos fiéis na direção de um sistema de pensamento neoliberal.

Nosso interesse, portanto, está centrado na compreensão de como essa obra faz referência e responde a esse contexto de intensas disputas políticas e ressignificação de eventos de uma época. Com isso, nossa proposta consiste em analisar as narrativas de si de Edir Macedo a partir de um estudo hermenêutico da biografia *Nada a Perder* – vol. 1, 2 e 3. O trabalho está ancorado na perspectiva hermenêutica de Paul Ricoeur (1976, 2006, 2010), para quem a narrativa surge da dialética entre realidade e ficção, passado e presente, todos articulados por meio de uma configuração narrativa que tem como processo constituinte a composição da intriga.

Este artigo é um recorte de nossa pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE), financiada pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado Pernambuco (Facepe), cuja proposta é pensar os modos como se constituem as relações entre cristianismo e neoliberalismo a partir das narrativas de lideranças expoentes do Neopentecostalismo e da Renovação Carismática Católica.

A presente discussão nasce das inquietações fomentadas durante o estágio doutoral no departamento de Sociologia e Assistência Social da Universidade Babeş-Bolyai (UBB), na Romênia, onde têm sido realizadas pesquisas sobre a relação entre subjetividades neoliberais e novas formas de religiosidade e espiritualidade, tomando como estudo de caso o mercado de desenvolvimento pessoal e espiritual do país.

Nada a Perder: a biografia de um empreendedor da fé

Nessa seção, buscamos apresentar um resumo descritivo da obra analisada e o contexto de lançamento de cada livro. Publicada em três volumes nos anos de 2012, 2013 e 2014, respectivamente, a trilogia *Nada a Perder* conta a história de Edir Macedo, tomando como grande acontecimento a criação e expansão da Igreja Universal. Apesar de ser escrita em primeira pessoa na maior parte do texto, dando a sensação de uma narrativa autobiográfica, a obra é escrita em coautoria com Douglas Tavolaro, jornalista, escritor e, à época, vice-presidente de jornalismo da Rede Record, emissora de Macedo.

Autor de outras obras vinculadas à IURD, como *Morri para viver*, em co-autoria com Andressa Urach, ex-fiel da Igreja, e *A Dama de Ferro*, com Ester Bezerra, esposa de Macedo, todas pela Editora Planeta, Tavolaro era, à época da publicação de *Nada a Perder*, vice-presidente de jornalismo da Rede Record, emissora de Macedo, onde trabalhou por 14 anos. Ele também escreveu, junto com a repórter Christina Lemos, a biografia *O Bispo: A História Revelada de Edir Macedo*, publicada em 2007 pela editora Larousse.

Figura 1 – Capas da trilogia *Nada a Perder*



Fonte: Planeta de Livros.

Com o subtítulo *Momentos de convicção que mudaram a minha vida*, o volume I foi lançado em 2012 com uma proposta de resgate das memórias de Edir Macedo desde a infância, mostrando como a formação de sua família esteve totalmente atrelada ao surgimento da IURD. Como nos é informado no texto de orelha, trata-se de um livro que “nos conduz por uma surpreendente viagem ao passado em busca de lições para a vida” (MACEDO; TAVOLARO, 2012, orelha do livro).

O primeiro volume foi lançado em um contexto do projeto expansionista da Igreja Universal que consolidava o que Gomes (2011) chama de Era das Catedrais, na qual buscava se consolidar como instituição religiosa brasileira autêntica. À época, membros da família Macedo adquiriam maior destaque

como lideranças, trazendo uma roupagem renovada para o discurso institucional. O livro chegou às prateleiras durante a construção do Templo de Salomão, em São Paulo, marcada por uma série de controvérsias sobre sua ocupação urbana.

Lançado em 2013, o volume II tem o subtítulo *Meus desafios diante do impossível* e conta a história do jovem Macedo, trazendo “casos impressionantes, reflexões comoventes e episódios polêmicos” para entendermos “como foi possível transformar uma pequena igreja, que funcionava numa funerária, em milhares de templos, com milhões de fiéis” (MACEDO; TAVOLARO, 2013, contracapa). Neste livro, os autores informam que “vamos compreender do que é capaz a Palavra de Deus” (MACEDO; TAVOLARO, 2013, p. 10), “saber de que maneira fomos injustamente atacados, como enfrentamos pressões, calúnias e preconceitos” (MACEDO; TAVOLARO, 2013, p. 11). Diferente do primeiro volume, no qual foram abordadas histórias mais antigas e íntimas de Macedo, neste são apresentados relatos de perseguição da mídia, aquilo que vai legitimar sua imagem de *escolhido*.

Na época em que o volume II foi lançado, eclodiam em todo país, sobretudo no eixo São Paulo-Rio de Janeiro, onde a IURD tem suas principais catedrais, eventos políticos que ajudaram a traçar os rumos políticos e econômicos do país nos próximos anos.

As Jornadas de Junho ocorridas naquele ano, como foram conhecidas as manifestações do período, muitas delas impulsionadas por partidos e movimentos organizados de direita, mudaram o cenário político e acirram as disputas eleitorais dos anos seguintes. Os eventos de 2013 tiveram profundo impacto na relação de Macedo com o PT, que passou a se deteriorar e culminou na saída do Partido Republicano Brasileiro (PRB), ligado à IURD, da base aliada de Rousseff em 2016 (FELTRIN, 2016), ano em que sofreu *impeachment*, e no apoio do bispo ao então candidato à presidência da república Jair Bolsonaro, em 2018.

O terceiro volume, subintitulado *Do coreto ao Templo de Salomão: a fé que transforma*, apresenta-se como “a parte final de uma emocionante jornada de renúncia e persistência com recordações e fotos inéditas, reveladas pelo fundador de um dos maiores movimentos de fé da atualidade” (MACEDO; TAVOLARO, 2014, contracapa). Neste livro, os autores falam do sucesso de vendas dos outros volumes e dos eventos de lançamento, marcados por filas imensas em diversos locais para além dos templos da Igreja.

Aborda-se o projeto de internacionalização da instituição e “os bastidores da inauguração memorável Templo de Salomão nas palavras de quem idealizou a construção. Os significados e as inspirações da obra que se tornou um marco na história das religiões” (MACEDO; TAVOLARO, 2014, p. 14). A narrativa construída em torno desses eventos salienta, ainda, as características particulares a Macedo e sua família que fizeram da IURD um grande empreendimento religioso.

A obra foi lançada no contexto de inauguração do Templo do Salomão e de eleições presidenciais. À época, Fernando Haddad, prefeito de São Paulo, e Dilma Rousseff, presidenta da república, ambos do PT, estiveram presentes na inauguração do Templo, o que foi salientado no próprio livro, que trouxe também a imagem de outras figuras públicas importantes. Com eleições bastante disputadas e o acirramento das forças políticas, o Partido dos Trabalhadores buscou – ou renovou – uma série de alianças com lideranças de diferentes espectros políticos, entre elas, Edir Macedo e a Igreja Universal (GOMES, 2014).

Naquele período, pautas conservadoras de costumes começaram a ganhar maior destaque nos discursos políticos, assim como aquelas relacionadas à neoliberalização da economia e à demonização dos programas sociais. As narrativas presentes nos livros, embora focadas em construir uma memória sobre a IURD e Edir Macedo, comunicava-se com seu tempo, utilizando uma linguagem apropriada para isso, compartilhando signos em comum com o mundo do leitor. O fato dessas narrativas estarem ancoradas nos preceitos da Teologia da Prosperidade tornou o processo de comunicação mais fluido.

Quanto às suas características em termos de forma e conteúdo, os três livros demonstram uma continuidade entre si, além da própria referência que os dois últimos volumes fazem aos anteriores. Assim como todos os lançamentos visavam produzir uma cena, no sentido de ocupar o espaço urbano, mostrando a relevância da história da Igreja e de Macedo, o mesmo ocorre em relação aos livros.

Além de se autorreferenciar como sucesso de vendas cujo motivo era a grandiosidade da obra de um empreendedor da fé, materializada em igrejas e templos em todo o mundo, Macedo em parceria com Tavolaro criam um lugar importante de construção e preservação de memória. A partir desta materialidade específica, os autores trazem também uma série de documentos e arqui-

vos pessoais e públicos sobre o surgimento e a consolidação da Igreja Universal como uma instituição religiosa sem fronteiras.

Na próxima seção, apresentamos o arcabouço conceitual que utilizamos como chave-compreensiva das narrativas de *Nada a Perder*, a saber, a hermenêutica na perspectiva ricoueriana. Considerando a amplitude do pensamento do autor, bem como o recorte deste artigo, nos atemos em algumas categorias de análise.

Hermenêutica das narrativas: entre o mundo do autor e o mundo do leitor

A produção literária de uma época tende a refletir o pensamento hegemônico de seu tempo, seja através do conteúdo propriamente dito ou da forma como se estruturam as narrativas que dão materialidade às histórias contadas. Quando produção e consumo em larga escala se encontram em um mesmo período, podemos perceber mais concretamente como o texto se comunica e que mediações são operadas nessa comunicação.

Forma e conteúdo operam, juntos, uma mediação importante na produção de narrativas, que não são particulares ao pensamento dos autores, mas integram o que Ricoeur (2010) chama de *mundo do autor*, um espectro tão vivo quanto seu complementar: o *mundo do leitor*. E na impossibilidade de tornar a experiência um acontecimento transferível, o que a comunicação faz é, segundo Ricoeur (1976), tentar transferir a significação daquilo que foi experienciado. A experiência é traduzida em texto e os sentidos nunca estão garantidos. Assim, comunicação e acontecimento são elementos fundamentais para a hermenêutica que nos propomos realizar aqui.

Enquanto a comunicação é a própria condição de possibilidade do texto enquanto matéria que transita entre diferentes mundos, o acontecimento vai se constituir como um evento por meio do qual diferentes fatos de uma história vão se integrar em uma única narrativa comunicável, isto é, compreensível. Em Ricoeur (2010), o acontecimento assume a figura da intriga, uma vez que, ao discutir a configuração narrativa e seu processo de compreensão, o autor está focado sobretudo nas narrativas ficcionais. A esse respeito, é importante destacar que a linha tênue que separa ficção de não-ficção está sempre borrada, considerando que, ao representar o mundo, toda narrativa se situa em um tempo e é interpelada por ele, sendo ambas as classes narrativas mutuamente influenciadas.

Isso ocorre porque a forma de narrar, que é atravessada por mediações espaço-temporais, transforma o conteúdo na medida em que mistura elementos de ambas as classes. Não por acaso, apesar da comunicação ser “a superação da radical não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida” (RICOEUR, 1976, p. 28), seu preço é a alteração da própria experiência. Dessa forma, Ricoeur (2006) afirma que a contraposição entre ficção e não-ficção é não só inútil como problemática, pois “mesmo as ficções são a respeito de um mundo” (RICOEUR, 2006, p. 86). O mesmo podemos estender às histórias bíblicas, cuja referência “não é um mundo histórico, um mundo de acontecimentos reais, mas o mundo do texto” (RICOEUR, 2006, p. 86).

Em termos ricoeurianos, narrativa é representação. Partindo da perspectiva de Aristóteles sobre *mímeses*, Ricoeur (2010, p. 59) entende por essa noção “a atividade mimética, o processo ativo de imitar ou de representar. Portanto, deve-se entender imitação e representação em seu sentido dinâmico de composição da representação”. Longe de ser uma réplica do idêntico, “a imitação ou a representação [que a *mímesis* implica] é uma atividade mimética na medida em que produz algo, ou seja, precisamente o agenciamento dos fatos pela composição da intriga” (RICOEUR, 2010, p. 61) [grifo nosso]. Com isso, é preciso afastar a relação entre ficção e história de uma interpretação dicotômica de realidade-ficção.

O texto emerge como uma entidade dinâmica que se desenvolve na relação entre o mundo do texto e o mundo do leitor. Uma hermenêutica nesses termos permite uma “reflexão sobre as categorias do texto e de sua interpretação, sobre a dialética da explicação e da compreensão, sobre o papel do leitor e sobre a historicidade do texto” (RICOEUR, 2006, p. 69). Na pesquisa que originou este artigo, utilizamos um conjunto de mediações e categorias de análise. Para este trabalho, contudo, devido ao espaço reduzido de análise, focamos na relação entre mundo do autor e mundo do leitor, bem como na falsa dualidade entre ficção e não-ficção.

Na próxima seção buscamos discutir como a categoria de desenvolvimento pessoal se apresenta como uma chave analítica promissora para compreender como se constroem as narrativas de si de Macedo e o que estamos chamando de uma pedagogia da fé inteligente, esta materializada na obra biográfica de Edir Macedo.

O desenvolvimento pessoal como chave analítica de uma pedagogia da fé inteligente

A emergência de discursos e exercícios voltados para o condicionamento da mente e aprimoramento de si não é um fenômeno particular de nossa época, podendo ser identificado em textos muito longínquos da Antiguidade. Mas é no contexto avançado do capitalismo contemporâneo que tais práticas assumem a função discursiva de ensinar as pessoas a desenvolverem a melhor versão de si mesmas. Nesse processo de autogestão, os *pedagogos* de desenvolvimento pessoal atuam antes como guias e modelos, recorrendo sobretudo a experiências pessoais para o agenciamento de ações pedagógicas.

A emergência de práticas pedagógicas como um conjunto de regras e preceitos produtores de um estilo de vida propriamente iurdiano foi tema de pesquisa anterior sobre a Escola do Amor, um dos programas da Igreja Universal, no qual nos concentramos sobre a produção de uma *pedagogia do amor inteligente*, que seria, ao mesmo tempo, uma *pedagogia da felicidade* (RODRIGUES, 2015). Essa também é uma discussão realizada por uma série de autores no Brasil, a exemplo de Teixeira (2012), que analisa essas formas de conduta através do que ela nomeia como *pedagogia da prosperidade*. Ambos os trabalhos convergem no sentido de compreender a prosperidade como um significativo cujo resultado desejado estaria associado a uma a gestão adequada da vida segundo os preceitos da teologia de resultados iurdiana, a TP.

Como já indicava Teixeira (2012, p. 62), o aprendizado de pedagogia “se dá por meio de um conjunto de dispositivos educacionais”. O livro, nesses termos, vai se constituir como aquilo que a autora compreende como um *espaço de produção pedagógica*.

A cultura empreendedora, materializada em narrativas de autoajuda comuns à retórica da superação iurdiana (GOMES, 2011), dá forma a essa pedagogia ao ensejar uma forma de aprendizado sobre fé supostamente racional (MACEDO, 2010). O processo se associa à *razão pedagógica* discutida por Teixeira (BOURDIEU *apud* TEIXEIRA, 2012) e se expande para outras modalidades de ensinamento, como o do amor inteligente, conforme localizamos em Rodrigues (2015). São pedagogias culturais (LOURO, 2008) na medida em que produzem identidades e diferenças dentro de uma lógica social normalizadora, cujos ideais – como a figura do empreendedor – são, ao mesmo, tempo produtos e produtores de formas de narrar a si mesmo.

Essa política da diferença acaba por reforçar marcadores sociais de fracasso e de sucesso, no qual Macedo desponta como um modelo deste último, construindo uma identidade narrativa articulada a uma forte narrativa de autoajuda.

Originada no começo do século XX, a literatura de autoajuda é um dos principais fenômenos da indústria cultural a modelarem o que estamos analisando como desenvolvimento pessoal, resultando na formação de mercados especializados no *si*. Longe de se excluírem, ambos os mercados se alimentam e convivem a partir de narrativas híbridas. Com o passar do tempo e as mudanças nas paisagens políticas e econômicas do Brasil e do mundo, vimos essa indústria se renovar, estendendo-se para outros segmentos de mercados que não apenas a autoajuda, bem como incorporando outras formas de produção de conhecimento sobre autogestão.

Diversos acontecimentos globais e locais contribuíram para a expansão da indústria de aconselhamento, coincidindo também com o surgimento de certas formas de subjetividade ancoradas em preceitos de responsabilidade individual e desregulamentação de direitos trabalhistas. Enquanto, para citar um exemplo, em 2017, um ano após o Golpe Parlamentar que destituiu Rousseff da Presidência da República, era aprovada a Reforma Trabalhista no Brasil (Projeto de Lei 13.467/17), uma série de discursos sobre responsabilidade individual passaram a circular com força na sociedade. Isso ocorreu em diversos âmbitos, desde campanhas governamentais até cursos de mentoria e de desenvolvimento pessoal promovidos por *coaches* independentes e por celebridades do mundo dos negócios.

Esses eventos nos mostram como as crises econômicas e políticas desse início de século reorganizaram discursivamente aquilo que passa a ser compreendido como desenvolvimento pessoal, um segmento da indústria cultural que integra diferentes gêneros discursivos no modo de personalizar as experiências de aprimoramento de si às características locais das sociedades capitalistas.

Ao analisar a expansão da indústria de desenvolvimento pessoal na Romênia, Gog (2016) sugere que o crescimento desses programas na década de 2010 está não apenas ligado ao cenário pós-2008 como também à emergência de novas formas de religiosidade e espiritualidade no país, que a despeito da hegemonia da Igreja Ortodoxa Romena – uma religião de configuração semelhante ao catolicismo brasileiro –, tem penetrado sobretudo nas gerações

mais recentes. O autor observa que esses programas têm incorporado formas alternativas de espiritualidade ao discurso empreendedor, de modo que essas narrativas têm se expandido para diversos campos profissionais.

As pesquisas realizadas por Gog (2016) demonstram também como os discursos do que o autor chama de “empreendedorismo espiritual” (GOG, 2020) operacionalizam as práticas de religiosidade e espiritualidade alternativas dentro de uma linguagem secular sem, no entanto, romper com qualquer estrutura tradicional religiosa, política e econômica local. Nesse ponto, há muitas similaridades com o contexto brasileiro, em que tanto a literatura como os programas de desenvolvimento pessoal parecem recorrer cada vez mais a uma linguagem espiritualizada para abordar questões como empreendedorismo, resiliência, engajamento e autoconhecimento.

A questão mais notável – e aquilo que parece diferenciar com maior expressão ambos os cenários – é que na grande categoria que estamos chamando aqui de desenvolvimento pessoal a hegemonia religiosa brasileira também disputa espaços através de suas lideranças religiosas (católicas e protestantes).

A literatura é um caso expressivo para observar esse fenômeno. No mercado editorial brasileiro, padres, pastores e ativistas religiosos têm seus livros entre os mais vendidos do segmento. Apesar do gênero, o que une os serviços da indústria de desenvolvimento pessoal é a promoção de uma cultura empreendedora que passa a integrar constitutivamente as narrativas que se desenrolam nessas obras. Assim, tanto autoajuda, como biografia e o gênero de negócios articulam a experiência pessoal daquele que enuncia com as práticas disciplinadoras de si que se sustenta como aconselhamento. É aqui que se insere Edir Macedo e sua trilogia biográfica.

De acordo com o guia de autodesenvolvimento de Pedler, Burdoyne e Boydell (2006, p. 5), o desenvolvimento pessoal é uma forma de gerenciamento de si em que “a pessoa toma como sua responsabilidade primária seu autoaprendizado e a escolha pelas formas de alcançá-lo” Para os autores, isso abarca desde o desenvolvimento de qualidades e habilidades específicas para o campo profissional até o alcance do maior potencial como pessoa. Eles sugerem que para nos autodesenvolvermos, precisamos entender onde estamos *agora* e onde queremos chegar.

O caminho entre esses dois pontos na linha que chamamos *nossa vida* é o que comumente chamamos de trajetória, uma forma culturalmente articulada de pensar a história humana como um todo linear guiado pela ideia de progresso. É nesse sentido que os autores se referem a modos de *progredir no autodesenvolvimento*, em *processo contínuo* e a formas de *analisar seu progresso*, tal como eles desenvolvem em seu modelo de *ciclo de aprendizado*, que consiste em fazer diagnósticos, estabelecer metas, agir e avaliar. Guardadas as devidas proporções, isso pode ser expandido para as narrativas de si construídos a partir do referente biográfico.

Em *Nada a Perder*, vemos a construção de uma narrativa cujo ponto de referência do arco experiencial é o sucesso da Universal, este materializado no Templo de Salomão. Ele se concretiza como o resultado de um longo percurso de provações, no qual emergem vários atores na forma de inimigos que tentaram impedir a concretização dessa expansão. Ao unir a história de Macedo a da IURD, o grande acontecimento deixa de ser a criação da instituição para se tornar sua expansão, um projeto que passa pela inauguração de templos fora do país, compra da Rede Record e a construção do Templo de Salomão.

O processo de crescimento e expansão da IURD não foi simples nem fácil, relata Macedo. Segundo o bispo, sua motivação estava ligada à perseguição que ele e seus seguidores sofriam: “Meu sofrimento em ver os fiéis e a nossa Igreja humilhados gerou indignação em mim. A dor da injustiça provocou revolta. A revolta despertou a fé. E a fé em prática produziu efeitos imediatos” (MACEDO; TAVOLARO, 2014, p. 93).

Como na retórica da conquista defendida por Gomes (2011), o sofrimento é uma condição para se valer a conquista de resultados. O desenvolvimento aqui, diferente de programas voltados para práticas profissionais, está associado a uma fé racional transformadora, pois “a inteligência associada à certeza no Evangelho é a garantia da escolha do rumo certo” (MACEDO; TAVOLARO, 2014, p. 127).

Nesse aspecto, há muito em comum entre o modo como é construída uma narrativa sobre a vida de Macedo em sua biografia e a noção de desenvolvimento pessoal, especialmente quando situamos a obra no contexto do capitalismo desenvolvimentista. A forma como são tecidas as intrigas nessa narrativa demonstra que o desenvolvimento pessoal, como materialidade do capitalismo desenvolvimentista, é um aspecto constitutivo da racionalidade política

neoliberal. Acreditar em si e tomar-se como sua própria responsabilidade é um imperativo nessa lógica, cuja fé racional é tributária:

se crerem Deus, pura e simplesmente, funcionasse, o mundo seria uma maravilha. Não existe outro caminho para o seu sucesso: você tem que crerem Deus e em si mesmo. O Espírito de Deus não trabalha sozinho. Ele precisa de parceiros neste mundo para operar suas maravilhas. Ele precisa que você creia nEle e em si mesmo. Essa aliança torna possível os impossíveis. Você tem de acreditar em si próprio (MACEDOo; TAVOLARO, 2013, p. 65).

Embora a forma de autodesenvolvimento proposta por Pedler, Burgoyne e Boydell (2006) esteja mais direcionada para o mercado de trabalho, ela já aponta para as virtudes espirituais, no sentido de um olhar para dentro de si, como necessárias para o aprimoramento desse sujeito de investimento. O livro que tomamos como exemplo típico-ideal nos aponta para um tipo de pedagogia de si que se abre às necessidades individuais de cada indivíduo, reforçando mais uma vez o aspecto individual da responsabilidade pela condução das vidas em sociedade. Nesse sentido, os autores afirmam que a busca pelo aprimoramento de si pode ser feita de várias maneiras, cabendo àquele que aprende escolher o seu próprio meio, seja através da inteligência emocional, espiritual ou moral.

Na Igreja Universal, segundo a doutrina da TP, a palavra tem poder de transformação, seja na vida daquele que narra ou daquele que escuta. Nesse sentido, às narrativas de si são conferidas um valor muito importante, pois se constituem como um meio de comunicar as transformações mediadas pela Igreja. A retórica da conquista é assimilada à uma retórica da perseguição nos discursos da IURD, sendo ambas materializadas no que Gomes (2011) nomeia como circuito da conquista, uma estrutura narrativa que vai compor as histórias de superação da Igreja. Ele se divide, segundo a autora, em quatro categorias: perseguição, revolta, sacrifício e conquista. Duas delas merecem destaque nessa análise, a revolta e o sacrifício, pois enquanto a primeira constitui o acontecimento que vem a organizar toda narrativa, aquilo que permite tecer uma intriga, a segunda é um elemento importante da fé iurdiana.

Além disso, o sacrifício é determinante para compreendermos como o mundo do autor se conecta ao mundo do leitor, ambos transpassados por racionalidades em comum. Para Macedo, o sacrifício exige renúncia, sendo a principal delas os bens de lazer em prol de uma causa maior que era o desenvolvimento da Igreja e a conquista de almas (MACEDO; TAVOLARO, 2013).

A inteligência é um aspecto reforçado por Macedo, pois “assim como Abraão, devemos usar a fé inteligente, assimilada na mente, para conquistar as promessas de Deus” (MACEDO; TAVOLARO, 2012, p. 223). Isso ocorre porque a noção de fé promovida pelo bispo está associada a uma compreensão racional de seu exercício, que só pode existir como o recurso à inteligência: “a fé racional e sobrenatural, que vem de Deus, diz respeito à mente, à inteligência, ao intelecto e à razão” (Macedo, 2010, p. 15). A tecnologia comportamental que as narrativas de desenvolvimento pessoal oferecem constituem um espectro mais amplo de ações atravessadas pelas subjetividades neoliberais. Como nos mostra Gog (2016), há uma série de programas que trabalham o aprimoramento de performances a partir das chaves da espiritualidade e da religiosidade.

No caso brasileiro, para pensar o fenômeno do desenvolvimento pessoal é importante observar como essas narrativas integram uma linguagem aliada ao caráter desenvolvimentista das políticas econômicas que atravessaram o país nas últimas décadas desde o período de redemocratização. Essas relações de sentidos nos levam a compreender que essa categoria de narrativa, mais que um gênero, é expressiva para explicar um mercado em expansão e as formas como a linguagem tem operado mudanças críticas nos modos como relatamos os eventos de nossa vida.

Não se trata apenas de um mercado, mas de um conjunto de discursos e narrativas que integra o imaginário coletivo no que diz respeito aos projetos de desenvolvimento e progresso de uma nação. Trata-se de uma política de autodesenvolvimento que tem seu modelo de expressão em uma ética empreendedora.

A partir do estudo do caso romeno, Gog (2020, p. 13) explica que, seja a nível profissional ou espiritual, o campo de desenvolvimento pessoal “produziu uma grande variedade de ontologias políticas, exigências transformadoras e imaginários culturais”. No Brasil, diversas pesquisas apontam para a autoajuda como o segmento literário de maior sucesso entre os brasileiros.

Considerando ser este um público com pouco hábito de leitura,³ o comportamento desses consumidores é um recurso interessante para se pensar os modos como nossa sociedade pode estar organizando discursivamente suas histórias por meio de uma linguagem desenvolvimentista. Mas também mostra como as pessoas têm aprendido técnicas de aprimoramento de si por meios diferentes daqueles institucionalizados como o do ensino escolar.

A fé inteligente como materialidade da racionalidade neoliberal: subjetividades e espiritualidades em construção

A emergência de narrativas ligadas ao campo de desenvolvimento pessoal nos mostra como a cultura do capitalismo afetivo tem capitalizado o desamparo e construído publicamente uma linguagem afetiva ancorada nas formas de socialização e subjetivação do neoliberalismo. A contestação do modelo empresarial burocrático é um dos elementos constituintes das subjetividades neoliberais que se enunciam diante das transformações desse capitalismo

Esse tipo de subjetividade neoliberal que Gog (2020) percebe em certas formas de espiritualidade empreendedora se constitui como uma “unidade individualizada e autônoma de virtudes espirituais como criatividade, flexibilidade, resiliência e autodesenvolvimento” (GOG, 2020, p. 8). Apesar do autor tomar como exemplo os programas romenos de desenvolvimento pessoal e espiritual, é possível ampliar esse entendimento para uma ampla gama de narrativas religiosas e de mercado que circulam nas sociedades capitalistas. No processo de reinvenção do espírito do capitalismo, práticas hegemônicas e alternativas de espiritualidade e religiosidade se articulam em um mesmo discurso de desenvolvimento e de socialização de si.

A nível global vemos crescer um mercado que combina elementos da Administração sobre desenvolvimento profissional com um tipo de empreendedorismo espiritual que busca “envolver todo o ser, corpo-mente-alma, tornando-se uma pessoa proativa, criativa e engenhosa, mas que também significa adquirir várias técnicas espirituais [...] que medeiam a produção de tal subjetividade” (GOG, 2016, p. 122). Trata-se de uma espiritualidade baseada em valores comuns ao neoliberalismo, cuja resiliência surge como solução para o progresso individual e social.

Como racionalidade, isto é, uma forma de organização das condutas, “o neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também *produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16). Sua novidade em relação às formas tradicionais de liberalismo está “na generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17), criando um outro tipo de sociedade cujas regras assumem a empresa como modelo de ação.

É nesse cenário que se inserem a Teologia da Prosperidade e a fé racional postulada por Edir Macedo (2010). Ao narrar sua história de vida e o crescimento da IURD, Macedo destaca a necessidade de assumir riscos para alcançar o sucesso, o que materializa concretamente a relação entre uma forma de narrar a si e a racionalidade política de um tempo, que se estende ao contexto de escrita desses relatos. Tomando o referente bíblico e seus personagens como exemplos, o bispo constrói uma narrativa que assimila a moralidade cristã dentro de uma racionalidade política que associa fé à atitude: “Fé, segundo a Bíblia, é algo que provoca o raciocínio” (MACEDO; TAVOLARO, 2013, p. 62). “A fé é como um relâmpago. Quando despertada, produz ação rápida” (MACEDO; TAVOLARO, 2013, p. 187).

Segundo o bispo, foi essa mesma fé que permitiu o crescimento da Universal: “De maneira geral, nunca houve um planejamento ou uma tática de ação detalhados para implantação dos primeiros núcleos de oração. A ordem era usar a fé com inteligência. E deu certo” (MACEDO; TAVOLARO, 2014, p. 24). Ao relacionar superação e conquista à uma fé racional, inteligente, os autores usam uma série de referentes, entre eles o bíblico, para configurar essas narrativas, demonstrando o que Ricoeur (2010) já havia alertado sobre a impossibilidade de se pensar ficção e não-ficção como classes opostas. Apesar de partir de memórias particulares, ao narrar uma história de si, o que o narrador faz é materializá-la em uma forma e uma linguagem que passam a ser aspectos constituintes de sua compreensão.

Como personagem, Macedo é narrado para ser um exemplo, mas não apenas de um líder religioso, como também de um pai, esposo e empresário de sucesso. Sobre isso ele não deixa dúvidas:

dos tempos do nascimento da Universal, no velho e sujo coreto aos dias de hoje, as mesmas perguntas me perseguem nestas décadas em que me dedico a levar as pessoas a uma mudança de vida por meio do Evangelho: afinal, qual o segredo para ter uma família unida e feliz? Como faço para acertar na criação dos meus filhos? Qual a fórmula eficaz de garantir um futuro cheio de paz e realizações para meus filhos? Qual a melhor herança que posso deixar para o meu lar? As respostas afunilam para uma palavra simples: o exemplo. A melhor educação é dar exemplo (MACEDO; TAVOLARO, 2014, p. 168).

Segundo o bispo da IURD, “a fé racional nos leva ao sacrifício, à coragem e à atitude, enquanto a emotiva é frouxa, covarde e medrosa” (MACEDO, 2010, p. 51). É nesse sentido que a fé postulada por Macedo, ao promover

uma relação semântica entre uma religiosidade e o espírito de seu tempo, segue uma razão de mundo ancorada no modelo empresarial. Essa é uma das conclusões que chegamos em nossa pesquisa e cujo presente trabalho é um pequeno recorte. Se essa fé é convocada à prática a todo momento em reuniões e cultos, como pudemos observar ao longo dos anos em nossas pesquisas, é porque ela também é ensinada. O ensinamento ocorre de diferentes formas, desde as práticas em si até a circulação e consumo de materialidades que vão se constituir como meios de comunicação da Igreja e de sua fé de resultados.

O exemplo também ensina. Ele está presente nos testemunhos dos templos e das diferentes mídias iurdianas. E que exemplo mais competente senão o do próprio líder e fundador da Universal? Assim, o que nomeamos como pedagogias de uma fé inteligente se inscreve dentro de uma lógica neoliberal cujo resultado é a emergência de uma ética empreendedora moralizante.

Considerações finais

Como todo fenômeno social, o desenvolvimento pessoal como prática pedagógica de si é ambíguo. As performances que esse modelo cultural de desenvolvimento reivindica como práticas de individuação longe de se fecharem no espaço do eu privado, só adquirem significado porque têm um caráter público. Tornar-se uma versão melhor de si mesmo pressupõe tanto um parâmetro do que deve ser entendido como alta performance como uma contínua manutenção pública dos critérios que estabelecem o que é ser feliz e bem-sucedido em uma dada geração.

As formações culturais e religiosas no Brasil possibilitam configurações interessantes para pensar o modo com a indústria de desenvolvimento pessoal interage com as formas contemporâneas de espiritualidade e religiosidade. Ao invés de se apresentar como um campo alternativo às experiências religiosas hegemônicas, o mercado de desenvolvimento pessoal atua dentro dela.

A fé inteligente como fé sacrificial, que pressupõe o risco como condição para o progresso, é apreendida por meio de processos inteligíveis de comunicação, no qual o livro é uma tecnologia importante de produção dessa pedagogia. Esse é um dos principais resultados que chegamos em nossa pesquisa. Teixeira (2012) já havia observado que o sacrifício era uma noção importante para compreender as práticas de disciplinamento da Igreja Universal e um aspecto basilar para a compreensão da *razão pedagógica* iurdiana.

Assim, para a fé inteligente ser ensinada, ela precisa ser narrada. “A fé nada mais é do que a ação do crer”, afirma Macedo (2010, p. 43). Isso implica, no caso da IURD, um modo sociabilizado de aprendizagem por imitação/representação. Nesse sentido, a hermenêutica ricoeuriana apresenta grandes contribuições para uma análise que foque nos modos como são produzidas as narrativas, mesmo quando sua materialidade não é somente a escrita, tão somente porque fala também é texto.

O universo de práticas educativas, portanto, não está circunscrito apenas ao campo da Educação, assim como as práticas religiosas e espirituais não se efetivam somente em espaços convencionais. As fronteiras são fluidas e os sentidos nunca estão garantidos, estão sempre em circulação. Como vimos neste trabalho, a fé enquanto prática pode se constituir como *locus* de aprendizado, sendo as narrativas de si formas produtivas de ensinamento pelo exemplo. Ademais, o estudo também aponta para a forma complexa como essas práticas são constituídas, envolvendo referentes de diversas ordens, não somente religiosos.

Referências

- CARVALHO, Laura. Década Perdida. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 7 de mar. 2019. Colunas. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-carvalho/2019/03/decada-perdida.shtml>. Acesso em 11/10/2021.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FELTRIN, Ricardo. Com apoio de bispo, Igreja Universal rompe com governo Dilma. **UOL**, São Paulo, 18 de mar. 2016. Notícias. Disponível em <https://www.uol.com.br/splash/noticias/oops/2016/03/18/com-apoio-de-bispo-igreja-universal-rompe-com-governo-dilma.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 11/10/2021.
- GOG, Sorin. Alternative forms of spirituality and the socialization of a self-enhancing subjectivity: features of the post-secular religious space in contemporary Romania. **Sociological and anthropological perspectives on religion and economy**: emerging spiritualities and the future of work. vol. 6, n. 2, 2016. pp. 97-124.
- GOG, Sorin. Neo-liberal subjectivities and the emergence of spiritual entrepreneurship: An analysis of spiritual development programs in contemporary Romania. **Social Compass**. v. 67, n. 2, 2020. pp. 1-17.
- GOMES, Edlaine. **A era das catedrais**: a autenticidade em exibição: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

GOMES, Karina. De olho na reeleição, PT cultiva aliança com evangélicos. *DW*, São Paulo, Brasil, 11 ago. 2014. Disponível em <https://p.dw.com/p/1CpJp>. Acesso em: 11/10/2021.

LOURO, Guacira L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**. Campinas: Unicamp, v. 19, n. 2 (56), maio/ago. de 2008. pp. 17-23.

MACEDO, Edir. **Fé Racional**. Rio de Janeiro: Unipro, 2010.

MACEDO, Edir; TAVOLARO, Douglas. **Nada a perder I: momentos de convicção que mudaram a minha vida**. São Paulo: Planeta, 2012.

MACEDO, Edir. **Nada a perder II: meus desafios diante do impossível**. São Paulo: Planeta, 2013.

MACEDO, Edir. **Nada a perder III: do coreto ao Templo de Salomão**. São Paulo: Planeta, 2014.

PEDLER, Mike; BURGOYNE, John; BOYDELL, Tom. **A Manager's Guide to Self-development: more than 50 practical, self-contained activities to develop your management potential**. 5. ed. Berkshire: McGraw-Hill Professional, 2006.

RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. Apresentação de François Xavier Amherdt. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica**. Trad. de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 1976.

RODRIGUES, Emanuelle. **Pedagogias de um amor inteligente: empreendedorismo e racionalização dos afetos na Escola do Amor da Igreja Universal do Reino de Deus**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. **Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: USP, 2012.

¹ <https://www.publishnews.com.br/>

² Conjunto de preceitos que afirmam ser legítima a busca de prosperidade material, além de salientar que o fiel tem direito de exigir de Deus o retorno diante de suas ofertas e sacrifícios.

³ De acordo com uma pesquisa de 2019 da Nielsen, os brasileiros consomem em média 2,34 livros por ano, prevalecendo os gêneros ligados ao desenvolvimento pessoal. Disponível em: <https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/livros-sobre-desenvolvimento-pessoal-para-ler-na-quarentena/>. Acesso em julho de 2020.

Recebido em 27/10/2021

Aceito para publicação em 24/11/2021